

A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL NO CINEMA: “CAFÉ COM LEITE” E A QUEBRA DE PARADIGMAS¹

Annelise Carolina Rhoden²

Franciele Pimentel³

RESUMO: O estudo da formação da identidade vem sendo muito abordado nos estudos de comunicação, isto, devido a sua mudança e nova conceituação. Segundo Stuart Hall, no livro *A Identidade Cultural Na Pós-Modernidade*, o conceito ainda é muito complexo, dificultando a construção de afirmações decisivas, já que tais identidades estão em constante mudança. Hall divide o conceito de identidade em três concepções diferentes: iluminista, sociológico e pós-moderno. Em uma segunda obra, *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, Hall questiona “Quem precisa de Identidade?” explorando qual seria a necessidade de mais estudos sobre o tema, oferecendo duas respostas: a primeira traz a necessidade de levar em conta não apenas novos conceitos, mas também os antigos, para a construção do entendimento da formação identidade, e a segunda que a formação de identidade, diferente da visão de senso comum, é formada pela diferença, pela exclusão, além de estar em constante construção. Com embasamento em tais teorias, será analisado o curta-metragem “Café com Leite”, escrito e produzido por Daniel Ribeiro, no ano de 2007, que aborda, sutilmente, a temática homossexual e serve de base para o estudo da formação da identidade homossexual no cinema contemporâneo, e sua mudança desde as primeiras representações cinematográficas que abordavam o tema.

PALAVRAS-CHAVE: formação de identidade, homossexual, cinema.

Tornam-se recorrentes os estudos sobre identidade no contexto de comunicação social, assim elegeu-se para este estudo o entendimento dessa característica, como primordial para a produção comunicativa. Parte-se do conceito de identidade sob a ótica de Stuart Hall (2005), em sua obra *Identidade Cultural Na Pós-Modernidade*, na qual o autor divide o conceito de identidade em três concepções distintas, sendo: a do sujeito iluminista, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno, que serão definidos no decorrer deste trabalho, e *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, na

¹ Artigo elaborado como trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade Assis Gurgacz (FAG) como requisito para obtenção de grau em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.

² Acadêmica do 7º período do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade Assis Gurgacz (FAG). annelise_cr@hotmail.com

³ Professor orientador. franppimentel@yahoo.com.br

qual o autor questiona “Quem precisa da Identidade?”, trazendo duas possíveis respostas para a questão, evocando autores como Derrida, Laclau e Butner para construir sua linha de raciocínio.

Parte-se da leitura do filme “Café com Leite”, curta metragem escrito e produzido por Daniel Ribeiro, no ano de 2007, e toma-se como questionamento: como acontece a identificação dos personagens no filme em questão, considerando a representação da identidade homossexual?

O estudo justifica-se no momento em que se considera o entendimento da diversidade, fator essencial ao profissional da comunicação social. Assim, entende-se que a formação identitária caracteriza-se como um importante fenômeno social, que deve ser considerado na produção de mensagens comunicacionais, em especial, a publicitária. Desta forma, o presente estudo visa entender como se deu a formação da identidade homossexual no cinema, levando em consideração os primeiros filmes que se utilizaram deste personagem e como se deu sua caracterização ao longo dos anos.

Para o levantamento das informações necessárias para a elaboração deste trabalho utilizar-se-á de pesquisa bibliográfica, bem como a leitura interpretativa do *corpus*, ancorada nas teorias já mencionadas.

A IDENTIDADE SEGUNDO STUART HALL

Em *A Identidade Cultural Na Pós-Modernidade*, Stuart Hall (2005) afirma que o conceito de identidade vem sendo muito abordado, isto, devido ao fato de que as antigas identidades, estas, bem definidas e que sustentavam a esfera social, estão sofrendo uma mudança, através do surgimento de novas identidades e da fragmentação das anteriores, desconstruindo a ideia de um sujeito unificado.

Para Hall (2005), o conceito de identidade ainda é muito complexo e pouco desenvolvido, sendo impossível fazer afirmações decisivas, o que torna sua abordagem ainda mais difícil. Segundo o autor, uma forma diferente de mudança vinha transformando as sociedades, e seus moldes, do final do século XX, dissolvendo as bases sólidas que sustentavam os indivíduos.

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos

tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui um “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 2005, p.9)

O processo de transformação é tomado como algo amplo e que vem reestruturando a própria sociedade moderna. A fim de explorar este processo de “crise de identidade” o autor divide o conceito de identidade em três diferentes concepções, sendo elas: a do sujeito iluminista, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno, que serão definidos no decorrer deste trabalho, os quais tomam como ponto de apoio para a sustentação de sua argumentação sobre o tema (HALL, 2005).

O sujeito iluminista era visto como um sujeito unificado, com capacidade de razão, consciência e ação, cuja essência surgia no nascimento de cada ser, e o acompanhava ao longo de seu desenvolvimento, permanecendo, porém, essencialmente o mesmo. Assim, a essência de cada indivíduo era considerada sua identidade (HALL, 2005).

Já a concepção de sujeito sociológico reconhecia que a essência de cada ser era moldada ao longo da sua vivência, sendo formada pela interação deste sujeito com a sociedade. O sujeito continua tendo sua essência interior, mas que é construída e agregada de acordo com as influências exteriores que este (sujeito) venha sofrer. Como observa Hall, “a identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”- entre o mundo pessoal e o mundo público” (HALL, 2005, p.11). Neste processo de identificação acontece uma espécie de mediação, a sociedade faz parte do sujeito e, por sua vez, o indivíduo se integra a sociedade, tornando-se unificados. O sujeito, que antes era constante, agora passa a ser composto de uma série de variáveis, tornando esta identificação passageira, e assim, mais incerta (HALL, 2005).

É neste decurso que acontece a formação do sujeito pós-moderno. Este, sem uma identidade fixa ou essencial, e sim em constante mudança, se adequando a necessidade do indivíduo.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2005, p.13)

De acordo com cada situação vivida, o sujeito se depara com múltiplas identidades possíveis, dentro dele mesmo, com as quais, segundo Hall (2005), o indivíduo se identifica, mesmo que, apenas, temporariamente.

Em outra obra, *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, Hall (2007) arrola sobre a questão “Quem precisa de Identidade?” e afirma que existem duas respostas para a questão - a primeira resposta consiste em perceber a existência de algo diferente da crítica desconstrutiva sob a qual os conceitos de identidade são submetidos. Em oposição à críticas que sugerem que os conceitos antigos sejam colocados “sob rasura”, ou seja, sejam desconsiderados, e substituídos pelos novos conceitos. Hall (2007) afirma que estes conceitos mais antigos devem ser levados em conta, juntamente com os novos, segundo o autor:

A identidade é um desses conceitos que operam “sob rasura”, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma idéia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas. (HALL, 2007, p.104)

Segundo Hall (2007), na linguagem de senso comum, a identificação ocorre a partir de um conjunto de características em comum com outros grupos ou pessoas, é neste processo de reconhecimento que ocorre um fechamento natural, e se forma a base do grupo em questão.

Em uma abordagem discursiva a identificação é vista como um processo que nunca está completo, mas sim em constante mudança, e mesmo tendo características determinadas, a identidade é condicional. Este conceito se firma na concepção de que as identidades não são unificadas, são sim, cada vez mais fragmentadas e nunca singulares, mas múltiplas, podendo inclusive ser antagônicas, estão em constante mudança e transformação.

De acordo com Hall (2007) é preciso atrelar as discussões sobre identidade aos processos que vêm rompendo o caráter estabelecido de algumas populações e culturas, na perspectiva do autor:

Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta o modo como nós podemos representar a nós próprios”. (HALL, 2007, p. 109)

Segundo o autor a identidade se forma dentro, e não fora do discurso, a partir de relações com o contexto, sendo produto da diferença e da exclusão, mais do que da unidade.

Evocando autores como Derrida (1981), Laclau (1990) e Butler (1993), Stuart Hall (2007) afirma que, diferentemente da forma como comumente as identidades são invocadas, estas são compostas através da diferença.

é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de se *exterior constitutivo*, que o significado “positivo” de qualquer termo – e assim, sua “identidade” – pode ser construído (DERRIDA, 1981, LACLAU, 1990, BUTLER, 1993, apud HALL, 2007, p. 110).

Segundo Hall (2007) as identidades poderiam funcionar como formas de identificação unicamente devido a sua capacidade de excluir, de tornar o diferente inferior. Toda identidade tem algo a mais, que lhe sobra e algo que lhe falta, mesmo que esta falta seja escondida.

Laclau (1990 apud HALL, 2007) afirma que a identidade se forma através daquilo que a ameaça, estando sempre baseada na exclusão e na formação de uma hierarquia, na qual os sujeitos classificados como “marcados” pelo autor, são postos em posição inferior, como na relação entre homens e mulheres, que reduzia a mulher.

De acordo com a autora Miriam Grossi (1998) os estudos de gênero são resultado das lutas dos movimentos sociais da década de 60, que reivindicavam por mais igualdade. Embora lutassem por uma sociedade mais igualitária, e estivessem junto com os homens ao militarem, as mulheres recebiam um papel secundário, como a confecção de faixas e panfletagem. Neste mesmo período, vêm à tona os questionamentos sobre sexualidade, dentre os quais, dois têm mais relevância, para o presente estudo, o movimento feminista e o movimento homossexual.

A IDENTIDADE DO HOMOSSEXUAL REPRESENTADA NO CINEMA

Diferente do que se pode imaginar, a representação de personagens homossexuais em filmes não se deu de forma tardia, desde 1816 havia cenas com esta temática em obras de Chaplin e curtas de O Gordo e o Magro.

Em 1885 acontecia a primeira apresentação cinematográfica, primeiramente, no dia 22 de março, no La Sortie des *Usines* e, mais tarde no Salão *Grand Café*, em Paris, pelos irmãos Lumière⁴. No mesmo ano, Thomas Edson já rodava o filme experimental “*The Gay Brothers*”, no qual dois homens apareciam dançando. Em 1927 o filme “*Wings*”, que trouxe o primeiro beijo entre dois homens, ganhou o primeiro Oscar de Melhor Filme.

Entretanto, no geral, os personagens com traços homossexuais eram, comumente, retratados de forma satírica ou inferior. Esta inferiorização se deu, principalmente, devido ao Código de Hays ou Código de Produção, documento que censurava a produção cinematográfica americana.

Como afirma Nazário (2007), o Código de Hays foi escrito por Will Hays, advogado presbiteriano e presidente da *Motion Picture Producers and Distributors of America*⁵, associação fundada para defender os interesses dos estúdios norte americanos, pois Hays acreditava que as produções Hollywoodianas eram más influências para a sociedade. Apoiado por instituições religiosas e outras organizações da sociedade civil, o Código passou a ser imposto ao cinema em 31 de março de 1930, sendo posto, de fato, em prática de 1934 a 1963. Segundo Marisa Corrêa Silva:

Este era uma série de normas de censura que proibia a nudez, adultérios, assassinatos, consumo de drogas e outras coisas consideradas “moralmente repugnantes” de serem explícitas na tela. Essas situações poderiam ser discretamente insinuadas, mas jamais mostradas aos olhos do público. Outras eram completamente proibidas, mesmo em situações sutis, como miscigenação racial, homossexualismo ou qualquer tipo de ofensa à religião ou aos padres e pastores, que não poderiam ser vilões nem cômicos. (SILVA, 2010, p. 60)

Os produtores de obras que não respeitassem o Código de Hays eram punidas com multas de até 25 mil dólares, além da perda dos canais de distribuição da *Motion Picture Producers and Distributors of America*.

⁴ Os franceses Louis e Auguste Lumière projetaram imagens em uma tela, fazendo, pelas primeiras vezes, uso do cinematógrafo, invenção dos mesmos. A exibição aconteceu no Grand Café do Boulevard des Capucines, em Paris, e os filmes tratavam de cenas do cotidiano. (Cf. JORGE, Luiz E. *Cinema Documental e Realidade Social. Iluminuras*. Porto Alegre, v. 11, n. 26, n.p., 2010.)

⁵ A *Motion Picture Producers and Distributors of America* (MPPDA) era uma instituição que visava o fortalecimento dos maiores estúdios cinematográficos norte americanos, resistindo a censura do governo e melhorando a imagem da indústria do cinema perante o público. (MOTION PICTURE ASSOCIATION OF AMERICA, <http://www.mpa.org/about/history>)

No final da década de 60, juntamente com o fim do Código de Hays ocorreram os movimentos feministas e homossexuais, que provocaram diversas transformações na sociedade, primeiramente, norte americana e por consequência no resto do mundo.

Segundo Pinheiro e Maximiliano:

É certo que o feminismo trouxe mudanças irreversíveis para o mercado de trabalho, o comportamento sexual e, obviamente, as relações pessoais. Não se tem notícia de uma revolução de costumes tão poderosa e efetiva na história ocidental. Pelo menos nos países desenvolvidos, as conquistas femininas foram reconhecidas tanto na esfera privada quanto na pública. Do direito ao voto à legitimação do divórcio, da entrada maciça nas universidades ao reconhecimento da competência no trabalho, os progressos são inegáveis. (PINHEIRO; MAXIMILIANO, 2006, n. p)

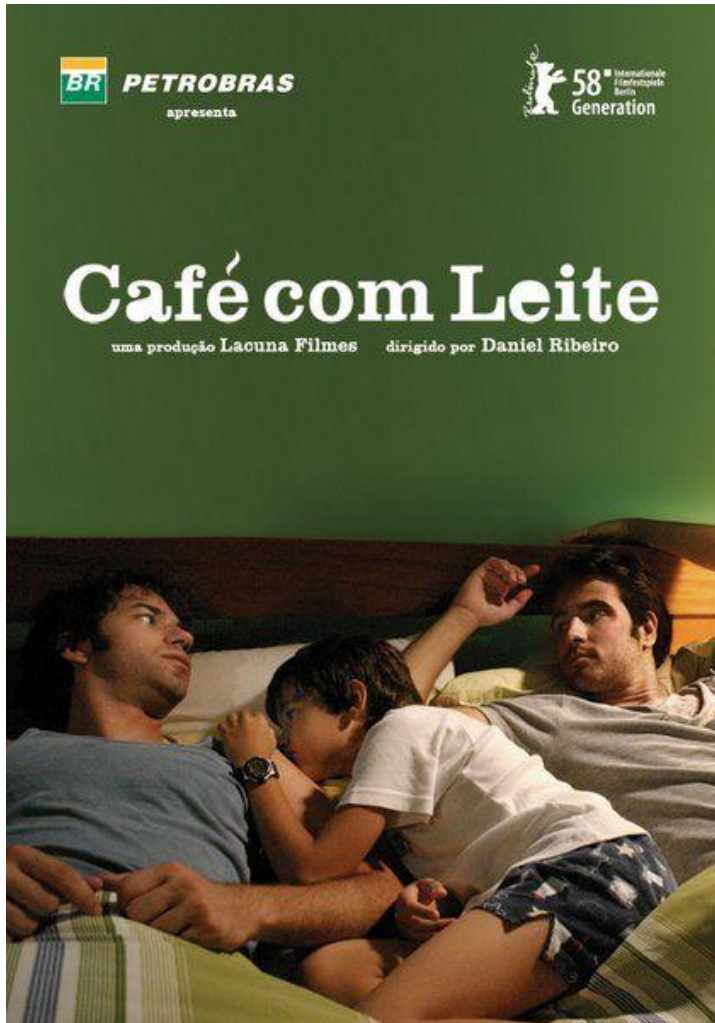
Na cultura homossexual também houve diversas mudanças. De acordo com Pamela Skillings, no jornal eletrônico *About.com*, de Manhattan, em 28 de junho de 1869, aconteceu em Nova York a Revolta de *Stonewall*, nesta data os homossexuais, que se reuniam em um bar gay chamado *Stonewall Inn*, resistiram, pela primeira vez, a repressão da polícia, e aos ataques que aconteciam frequentemente. O conflito com a polícia, que obrigava os homossexuais da época a viverem escondidos, foi violento e durou 5 dias.

De acordo com Natalia Duprat:

Depois de *Stonewall*, gays e lésbicas de várias partes do mundo começaram a sair do armário e passaram a adotar novas posturas em busca de mais dignidade e liberdade de expressão; manifestações públicas pipocaram nos grandes centros urbanos e uma chamada cultura gay começou a tomar corpo. Teatro, artes plásticas, literatura e cinema de orientação homossexual — interesse maior deste trabalho — ganharam, desde então, um volume considerável de produção que culminaria com o que hoje se entende, de forma mais ampla, por homoarte. (DUPRAT, 2007, p. 2)

Com o passar do tempo os personagens homossexuais deixaram de ter um caráter tão satírico, como observa Rodrigo Gerace: “No cinema nacional, a partir dos anos 90, o personagem homossexual livrou-se um pouco do estigma estereotipado (associado à piada) das (pornô) chanchadas.” (GERACE, 2011, n. p).

Café com Leite



Um exemplo da evolução cinematográfica dos últimos anos é o curta-metragem *Café com Leite*, escrito e produzido por Daniel Ribeiro, em 2007, que conta, parcialmente, a história de Danilo e Marcos. No curta metragem de 17 minutos, Danilo estava preparando-se para sair da casa dos pais, e morar com o namorado, Marcos, quando seus pais morrem, mudando seus planos, já que, assim, Danilo passa a ser responsável pelo irmão caçula, Lucas. Marcos, então, tenta encontrar lugar nesta nova família, quando Danilo e Lucas ainda precisam descobrir tudo que não sabiam um do outro.

Figura (1): Capa do filme “Café com Leite”

Um dos problemas das produções cinematográficas com temática homossexual é que a maioria dos filmes trata a questão ainda em processo de aceitação e entendimento. O que cria uma barreira entre as produções de caráter homossexual e as de caráter heterossexual, como se ainda tivessem que se confrontar entre si. Já no curta “Café com Leite” a questão homossexual nem sequer aparece como tema central. Dois dos personagens principais da produção são representados com total naturalidade, sendo que, além de todas as suas outras características, Danilo e Marcos também são homossexuais. O curta mostra um momento em que a aceitação já ocorreu, não havendo estranhamento de nenhuma parte com a relação, mostrando uma evolução, pois a relação homossexual já não é mais tratada como algo extraordinário como anteriormente, nem implicando em um tom satírico ou inferior.

“Café com Leite” é um filme que trata de relacionamentos, desde o primeiro plano, no qual os personagens aparecem abraçados na cama, em uma posição clássica de homem e mulher, revelando a naturalidade com a qual a questão será tratada. Entretanto, tal representação se desfaz com o decorrer do filme, e a busca por uma identificação feminina na relação não é abordada. Ao longo do filme os personagens trocam e confundem seus papéis de homem e de mulher na relação, trazendo a realidade do relacionamento entre duas pessoas do mesmo sexo, no caso, dois homens.

O conflito de aceitação do filme ultrapassa a questão homossexual, e aparece no personagem do irmão mais novo, em relação à morte dos pais, na qual a não aceitação do namorado do irmão mais velho se dá, não pela homofobia necessariamente, e sim por um conflito pessoal, na qual um intruso na nova relação com o irmão não é bem recebido. Tal conflito se desfaz no transcorrer da trama, evidenciando a aceitação do relacionamento por parte do irmão caçula.

O título do curta – “Café com Leite”- remete tanto a alguém inexperiente em um jogo, normalmente uma criança, a qual as regras não se aplicam tão rigorosamente, quanto à mistura das duas bebidas, representando fases da vida, o leite representando a infância e a doçura, e o café a amargura, a independência.

Em determinado momento do filme, quando o irmão mais novo passa uma fase de um jogo no *video game*, Danilo fala ao irmão mais novo, Lucas, que ele não é mais café com leite, indicando que ele está crescendo, está ficando melhor e assim as regras passam a valer para ele também, ele está deixando de ser criança.

No decorrer do filme a representação das bebidas como fases da vida se torna clara, como quando Lucas pede para que Danilo prepare seu leite, ele busca atenção e afeto, pois era uma atividade que anteriormente era realizada pela mãe, ou quando Danilo diz estar chorando por “coisa de gente velha”. Desta forma as situações vão se misturando, de forma a neutralizar uma a outra, bem como o aprendizado da convivência dos irmãos.

Em um trecho do curta-metragem, Marcos e Lucas têm uma conversa na qual Lucas comenta o fato de que seu pai gostava de Marcos, até perceber que ele não era apenas amigo de Danilo. Segue a transcrição do diálogo:

Lucas:

- Você é namorado do meu irmão, não é?

Marcos:

- É, eu sou.

Lucas:

- Meu pai não gostava de você, sabia?

Marcos:

- É, eu desconfiava um pouco disso.

Lucas:

- Ele brigava muito com a minha mãe, por tua causa.

Marcos:

- Nem todo mundo gosta de todo mundo. Você, por exemplo, não gosta do André.

Lucas:

- Antes ele gostava de você, ele falava que você era quase família, mais aí depois ele parou de gostar.

Marcos:

- É difícil a gente se acostumar quando as coisas mudam. Mas acho que no final, sei lá...

Lucas:

- Eu ainda gosto de você.

O diálogo deixa clara a não aceitação plena dos pais (ou por parte de um deles), pois quando era apenas amigo do filho mais velho, Marcos era bem recebido e considerado parte da família, porém, quando passou a ser seu namorado, começou a ser motivo de brigas entre os pais.

A mesma conversa entre o garoto e o namorado de seu irmão evidencia a naturalidade com a qual o caçula vê a relação do irmão com outro homem. Na fala de Marcos é possível verificar a naturalidade como as coisas são apresentadas ao garoto, evidenciando, mais uma vez, o caráter de brandura e força que aos poucos devem se misturar para caracterizar o equilíbrio da situação.

O filme, desde o seu título, retrata situações comuns da realidade, o café representa a resistência que sociedade tem em aceitar pessoas, ou situações, que fujam do padrão no qual estão acostumados, bem como leite remete a aceitação que, como no filme, se dá aos poucos, resultando em uma mistura, levando a uma neutralização entre a resistência e a aceitação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das teorias abordadas, cuja formação da identidade homossexual se dava de forma repreensiva, pois os personagens homossexuais eram frequentemente retratados com inferioridade ou teor humorístico, é possível perceber uma visível evolução na representação destes personagens em produções cinematográficas.

Em produções mais recentes, como o filme analisado, os personagens homossexuais passam a ser retratados com a mesma naturalidade dos demais personagens, com conflitos reais, que vão além da discussão da aceitação da sexualidade de cada indivíduo. No curta-metragem “Café com Leite” os personagens, Danilo, Marcos e Lucas, assim como na vida real, vão sendo incorporados nas relações sociais a sua volta, inicialmente com restrições, mas a aceitação se dá no decorrer do dia-a-dia dos mesmos.

A identidade do homossexual, retratada tantas vezes de forma satírica, é deixada de lado no filme aqui estudado. Desta forma, considerando que o cinema é uma forma de representação das situações cotidianas da sociedade, é possível perceber as transformações ocorridas na representação do homossexual, podendo até ousar dizer que os padrões sociais, mesmo que sutilmente, vêm sofrendo significativas mudanças.

REFERÊNCIAS

DUPRAT, Natalia. **Cinema Gay E Estudos Culturais: Como Esse Babado É Possível** In III ENECULT – ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 2007, Salvador. **Anais**. Salvador: Faculdade de Comunicação UFBA, 2007. n.p.

GERACE, Rodrigo. **O Homoerotismo nas Telas**. Disponível em: <<http://www.cinepersona.com/2011/03/homoerotismo-nas-telas.html>> Acesso em 20 de março de 2012.

GROSSI, Miriam P. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Disponível em: <http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade_genero_revisado.pdf> Acesso em 01 de abril de 2012.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural Na Pós-Modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. Quem precisa de Identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 7ª Edição. Petrópolis, RJ. Vozes, 2007. p.103-133.

JORGE, Luiz E. Cinema Documental e Realidade Social. **Iluminuras**. Porto Alegre, v. 11, n. 26, n.p., 2010.

RIBEIRO, Daniel. 2007. *Café com Leite*. Brasil. Lacuna Filmes

SILVA, Marisa Corrêa. O Kitsch em Romeu e Julieta: Luhrman e Shakespeare. **Revista Jiop**, Maringá, número 1, p. 60 – 68, 2010. Disponível em: <http://www.dle.uem.br/revista_jiop_1/artigos.htm> Acesso em 10 de abril de 2012.

SKILLINGS, Pamela. **The Stonewall riots**: New York's Stonewall is a landmark in gay History, [Online]. The New York Times. Disponível em: <<http://manhattan.about.com/od/glbtscene/a/stonewallriots.html>> Acesso em 23 de abril de 2012.

PINHEIRO, Daniela; MAXIMILIANO, Adriana. O feminismo na crise dos 40: O movimento que pretendeu igualar mulheres e homens em todos os sentidos está numa encruzilhada e pouco significa para as novas gerações. **Veja Mulher**, São Paulo, Edição Especial, p. 48, maio de 2006.